

## AS TRANSFORMAÇÕES DO JORNALISMO SEGUNDO OS PESQUISADORES BRASILEIROS: 11 ANOS DE COMPÓS

Dione Oliveira Moura  
Djenane Arraes  
Ébida Santos  
Francisco Verri  
Patrícia Lima

**Resumo:** A pesquisa tem o objetivo geral de mapear os estudos sobre as transformações do jornalismo no contexto nacional. Um primeiro objetivo específico da pesquisa deu-se por meio da identificação dos artigos publicados nos Anais da Compós (2008-2018), no GT Estudos de Jornalismo, e que fizeram referência, no título, palavras-chave e/ou resumo às mudanças no jornalismo. O estudo parte do conceito de Mudança Normal (mudança na estrutura ou no sistema) e Mudança Paradigmática (mudança da estrutura ou do sistema), como conceituado por Charron e De Bonville (2016), e por meio da revisão sistemática, procurou categorizar tais textos nos eventos Compós, recorte citado acima. Verificamos preponderância de artigo relacionando as Mudanças Normais (na estrutura ou da estrutura) e às Mudanças Paradigmáticas (da estrutura ou do sistema) associados majoritariamente às Práticas Jornalísticas e às alterações de Formato jornalismo online-digital.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Paradigma; Mudanças; Transformações; Charron e De Bonville.

### 1. Apresentação

A obra *Natureza e Transformação do Jornalismo*, dos teóricos Jean Charron e Jean de Bonville, lançada originalmente em Quebec, Canadá, no ano de 2004 (BRIN, CHARRON E De BONVILLE, 2004), e traduzida para o português no ano de 2016 (CHARRON E De BONVILLE, 2016), por iniciativa do Programa de Pós-Graduação da UnB (ADGHIRNI, 2016), propõe o conceito de *paradigma jornalístico*. Dentro de uma lógica metodológica sócio-histórica, de comparação diacrônica e discursiva, os autores chegaram à conclusão de que o jornalismo estadunidense passou por quatro paradigmas: de transmissão, de opinião, de informação e de comunicação. Os sociólogos introduziram, assim, mais um aporte teórico-metodológico nos estudos das transformações do jornalismo. A pesquisa de Charron e de Bonville instigou a indagação da presente pesquisa: como as transformações do jornalismo são abordadas no meio acadêmico brasileiro?

A pesquisa tem o objetivo geral de mapear os estudos sobre as transformações do jornalismo no contexto nacional. Um primeiro objetivo específico da pesquisa deu-se por meio da identificação dos artigos publicados nos Anais da Compós (2008-2018), no GT Estudos de Jornalismo, e que fizeram referência, no título, palavras-chave e/ou resumo às mudanças no jornalismo. O estudo parte do conceito de Mudança Normal (mudança na estrutura ou no sistema) e Mudança Paradigmática (mudança da estrutura ou do sistema), como conceituado por Charron e De Bonville (2016), e por meio da revisão sistemática, procurou categorizar tais textos nos eventos Compós, recorte citado acima. Optamos por este congresso, como a Primeira Etapa da pesquisa (a qual incluirá outros eventos acadêmicos a SBPJor, dentre outros) por ser um dos mais importantes do país na área da Comunicação ao reunir trabalhos realizados por pesquisadoras e pesquisadores docentes e discentes de Programas de Pós-graduação em Comunicação.

## **2. A questão do Paradigma nas Ciências Humanas**

De acordo com Thomas Kuhn (1998), um paradigma pode ser compreendido como tradições e métodos partilhados por uma determinada comunidade científica. O primeiro paradigma, que Santos (1988) chama de dominante, sucede o pensamento filosófico aristotélico influenciado pelas intervenções dogmáticas e autoritárias da Igreja Católica durante a Idade Média. A era da racionalidade científica, baseada no empirismo e experimentação, é iniciada a partir de uma revolução no Século XVI. O pensamento racional e mecanicista configura-se numa lógica totalitária de que o conhecimento deve ser pautado em princípios epistemológicos e regras metodológicas, destaca o autor. O paradigma Positivista e a aplicação nas Ciências Humanas nascem em meio a intensas transformações no Século XVIII e, principalmente, no Século XIX e traz consigo os conceitos de empirismo, de objetividade, de experimentação, de validação de resultados e de aplicação de leis nas ciências naturais. O paradigma Positivista reduz a dominância no século XX, quando uma segunda vertente de como se fazer Ciência Social ganha força. É um caminho que advoga que as ciências sociais precisam ter métodos próprios e distintos, pois a natureza humana é subjetiva e não pode ser descrita por critério objetiváveis (SANTOS, 1988).

Contudo, o conceito de paradigma deixou de ser usado apenas no campo científico, e passou a ser aplicado em diversas outras áreas de conhecimento e atuação, como o jornalismo. Este é um campo de atuação em que os participantes o praticam sob um conjunto de convenções não necessariamente escritas, mas que são conhecidas e transmitidas entre os membros da comunidade. O conceito de paradigma vai incidir no jornalismo justamente sob esse aspecto (ADGHIRNI, 2017).

Para Motta (2005), há dois principais na pesquisa em jornalismo em debate nos estudos acadêmicos no Brasil: o mais hegemônico, o qual seria o ‘miacêntrico’, e o contra-hegemônico, o qual seria o paradigma ‘sociocêntrico’. O primeiro costuma forçar o diálogo de influências distintas como o Marxismo, o Estruturalismo e o Funcionalismo, pois observa o jornalismo como uma organização de dita visões de mundo de forma autoritária a partir de uma cultura profissional, institucional e de critérios de mercado, afirma o autor.

O paradigma contra-hegemônico, por outro lado, não negaria o lugar privilegiado do jornalismo frente à sociedade, mas o considera como um campo que é influenciado por uma polissemia de vozes sociais, culturais e econômicas a confrontarem-se em processos dialéticos. “Vê o jornalismo como passível de ceder aos interesses dos diversos atores sociais dependendo da correlação de forças” (MOTTA, 2005, p.1).

### **3. Paradigma Jornalístico por Jean Charron e Jean de Bonville**

Jean Charron e Jean de Bonville dedicam, na obra *Natureza e Transformações do Jornalismo* (2016) dedicam parte da obra para tecer e historicizar a noção de paradigma no âmbito do jornalismo, embora o tema seja transversal à obra. Os autores abordam a questão dentro de dois aspectos: teórico e empírico. Abrem de maneira explicativa o Capítulo 1 do livro detalhando o conceito. Defendem que conceituar paradigma no jornalismo é diferente de acordo com a consideração do ponto de vista empregado. Sendo assim, há um ponto de vista teórico, aquele do pesquisador, como também o ponto de vista empírico, o do jornalista.

A visada dos autores é de que o paradigma situa-se, no jornalismo, como um sistema normativo que é formado de esquemas de interpretação, valores, postulados e

de modelos que uma comunidade profissional se identifica, une-se e legitima sua prática. Nessa definição o *paradigma jornalístico* é um conceito teórico, afirmam os autores, pois “insere-se numa teoria que visa explicar a prática jornalística e sua evolução, mas está ausente, como tal, da prática jornalística concreta (CHARRON e DE BONVILLE, 2016, p. 72). A vertente teórica do conceito de *paradigma jornalística*, afirmam os autores, comporta duas classes principais de elementos. A vertente empírica do conceito sustenta-se na maneira como esse saber comum está organizado no plano cognitivo sob a forma de um conjunto de roteiros e métodos heurísticos obtidos na prática profissional. Ao longo da obra, Charron e De Bonville definem o paradigma jornalístico como

Um **sistema normativo** criado por uma prática fundamentada no exemplo e na imitação, constituído de **postulados**, de **esquemas de interpretação**, de **valores** e de **modelos exemplares** com os quais se identificam e se referem os membros de uma comunidade jornalística em um dado **âmbito espaço-temporal**, que unem os integrantes à comunidade e servem para **legitimar a prática** (Charron e de Bonville, 1996b, p.58). Charron e de Bonville, 1996 apud Charron e de Bonville (2016, p. 68). [grifos nossos]

Proseguem os autores:

O *paradigma jornalístico* comporta também um **conjunto de regras** cujo conteúdo nos propomos explorar a partir de duas classificações possíveis: A primeira é baseada na categoria de pessoal afetado pelas regras, ou seja, o editor (**regras de edição**) ou repórteres (regras de redação), enquanto a segunda é baseada na natureza das atividades visadas (**seleção, coleta, processamento, difusão da informação**). (CHARRON e De BONVILLE, 2016, p. 74). [grifos nossos]

Na perspectiva de *paradigma jornalístico*, proposta por Charron e De Bonville (2006, p. 74), há as **regras de redação** (como, por exemplo, a pirâmide invertida e “os 5w”) e as **regras de edição**. Sendo que estas últimas podem ser verificáveis, afirmam, nas seguintes dimensões:

- no objeto referencial (no caso do jornalismo contemporâneo, preferência a cobertura de eventos recentes);
- nos temas (política, esporte etc);
- nos gêneros jornalísticos (editorial, notícia/hard news, reportagem/soft news etc);
- na formatação das informações, (formatação por meio de manchetes, colunas, etc conforme a página do jornal).

Charron e De Bonville advertem, contudo, que, embora o conceito de paradigma jornalístico guarde “a capacidade de explicar a prática jornalística (2016, p. 91), este conceito em si não possui uma teoria da mudança. Por este motivo, os autores argumentam que

para mostrar seu potencial o plano empírico, o conceito [de paradigma jornalístico] deve ser associado a um **modelo de mudança** que dê conta das características específicas do jornalismo como prática discursiva. (CHARRON e De BONVILLE, 2016, p. 91) [grifo nosso]

Sendo assim, Charron e De Bonville trazem duas perspectivas importantes: o conceito de paradigma jornalístico, e, adicionalmente, a proposição de que há distinção nos processos de mudança deste paradigma. Algumas podem ser mudanças “normais”, outras podem ser, por outro lado, mutações, metamorfoses, ou seja, mudanças paradigmáticas e que é necessário distinguir entre ambas:

A distinção entre *mudança normal* e *mutação* ou *metamorfose* remete, em suma, à dicotomia corrente nas Ciências Sociais entre mudança **na** estrutura ou **no** sistema, de um lado, e mudança **de** estrutura ou **de** sistema de outro. De fato, aceita-se facilmente a ideia de que a *mudança normal* diz respeito às transformações *internas* à estrutura, que conserva, contudo, sua configuração global. Por outro lado, a acepção habitual de termos como *mutação* ou *metamorfose* denota, antes, uma mudança de estrutura. O primeiro termo, mais geral, designa uma *transformação profunda* e *duradoura*, ao passo que o segundo especifica o objeto formal (a *estrutura* ou a *forma*) e a amplitude da mudança (até que este objeto não seja mais reconhecível). (CHARRON e De BONVILLE, 2016, p. 91) [itálicos no original, grifos negrito nossos]

#### 4. O recurso da revisão bibliográfica sistemática

A nossa pesquisa sobre a produção de uma década – 2008 a 2018 - dos trabalhos publicados no GT de Estudos de Jornalismo da Compós usa como aporte metodológico a revisão bibliográfica sistêmica. A técnica surgiu nas Ciências da Saúde, área na qual tornou-se uma ferramenta eficaz para o filtro de pesquisas. De acordo com a médica britânica Trisha Greenhalgh, *apud* Botelho, Cunha e Macedo (2011), a revisão sistemática trata-se de uma síntese de estudos primários que contém objetivos, objetos e métodos explicitados, conduzidos por etapas metodológicas bem definidas. A revisão sistêmica é desenvolvida geralmente em seis etapas (SILVA, CARVALHO, 2010; BOTELHO, CUNHA; MACEDO; SOUZA; 2011) que podem sofrer adaptações de acordo com os objetivos da pesquisa. A revisão sistemática começa invariavelmente com a elaboração da pergunta norteadora.

As demais etapas consistem na busca e no recorte da literatura a ser investigada; na coleta de dados; na análise dos estudos incluídos na revisão; na discussão dos resultados a fim de dar uma abordagem qualitativa dentro da amostra quantitativa a ser levantada e, por último, na apresentação dos dados. A última parte do pressuposto de que o método deve permitir que todas as informações coletadas na pesquisa, tal como os procedimentos de análise, possam ser colocados de forma transparente ao público leitor. A ideia da revisão sistemática é poder ser revisitada e replicada por outros pesquisadores, daí a importância da elaboração de um documento descrevendo todas as etapas percorridas (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010; BOTELHO; CUNHA, MACEDO, 2011).

## 5. Etapas de pesquisa

Com a pergunta de pesquisa definida - “como as transformações do jornalismo são abordadas no meio acadêmico brasileiro?” -, iniciamos a pesquisa respeitando as seguintes etapas: 1) Aprofundamento da literatura sobre a metodologia e também sobre o livro de Charron e De Bonville; 2) Mapeamento dos eventos<sup>1</sup> de comunicação cujos anais poderiam ser analisados; 3) Elaboração de formulário de análise e pré-teste; 4) Fechamento do formulário; 5) Aplicação do formulário e revisão<sup>2</sup>; 6) Análise dos dados obtidos.

O formulário analítico foi editado online<sup>3</sup>, o que facilitou a catalogação da produção acadêmica e a organização do trabalho em equipe. Como recomendado nos trabalhos de revisão sistemática, cada verificação foi realizada por um(a) pesquisador(a) da equipe e revisada por um(a) outro(a) pesquisador. Na última classificação (vide resultados expostos nos Gráficos 6 e 7, a seguir, a classificação foi feita em conjunto, coletivamente, por 3 das pesquisadoras, no primeiro turno de trabalho, e por duas pesquisadoras, no segundo turno do trabalho. Desta forma, podemos assegurar que todas as etapas de verificação da revisão sistemática passaram, no mínimo, por duas das

<sup>1</sup> Esta é a primeira etapa de uma pesquisa maior, em que serão mapeados os estudos sobre transformações do jornalismo nos grandes congressos brasileiros nos últimos 10 anos. Serão incluídos também a Intercom, o Congresso da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), e do Colóquio Mejor - Mudanças Estruturais do Jornalismo.

<sup>2</sup> Para cada pesquisador que preenche o formulário há um revisor, que verifica se o preenchimento atendeu a todos os requisitos e minimiza as chances de erro.

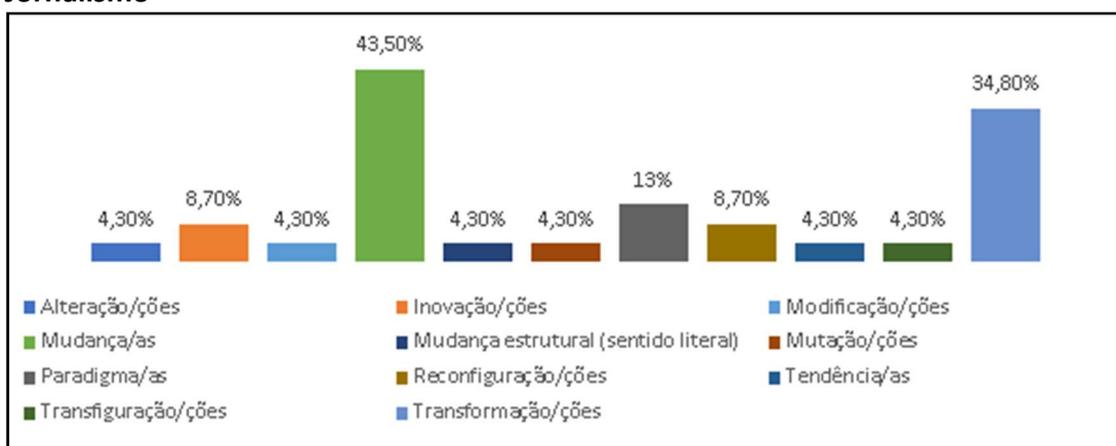
<sup>3</sup> Utilizamos os recursos disponíveis no formulário online da empresa *Google*, o *GoogleForms*.

peças da nossa equipe de pesquisa. O instrumento de trabalho - formulário aplicado em planilha Excel - se fez fundamental para a documentação da pesquisa quantitativa e, ao mesmo tempo, proporcionou-nos visualizar os dados para uma análise qualitativa dos resultados. Desta forma, além dos objetivos primeiros, acreditamos que a pesquisa também permitirá uma futura proposta metodológica da aplicação da revisão sistemática no âmbito dos estudos de Comunicação, quando, nas etapas posteriores, viermos a abarcar outros eventos da área de Comunicação, como como o da SBPJor, já em processo de início de coleta, com a mesma pergunta de pesquisa.

## 6. Resultados

Foram analisados os 108 textos publicados nos Anais da Compós, no GT Estudos de Jornalismo, publicados entre 2008 e 2018, dos quais cerca de 20% (23 textos) possuíam as palavras-chave que selecionamos para a pesquisa (Alteração/ções, Mudança/as; Paradigma/as; Transfiguração/ções, Inovação/ções, Mudança Estrutural [sentido literal], Reconfiguração/ções, Transformação/ções, Modificação/ções, Mutação/ções, Tendências) nos títulos, resumos ou palavras-chave do artigo e foram incluídos no corpus analítico, cujos resultados são apresentados a seguir.

**Gráfico 1. Presença das palavras-chave. Anais da Compós, 2008-2018, GT Estudos de Jornalismo**

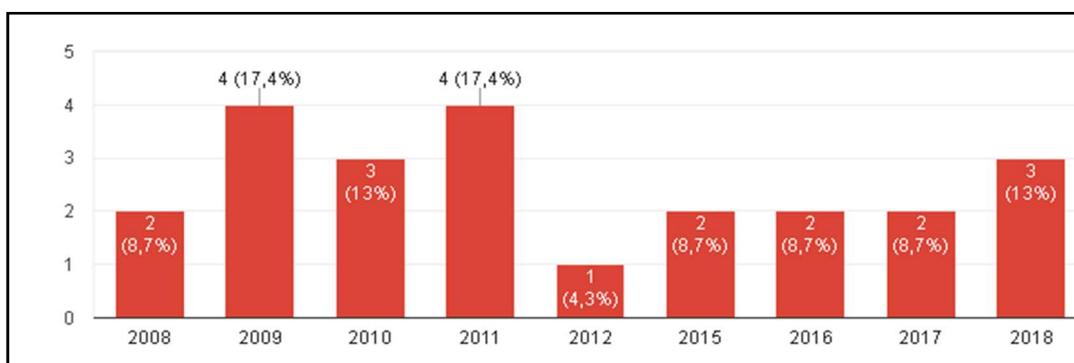


Fonte: elaboração dos autores.

A ocorrência das palavras-chave deu-se da seguinte forma: Alteração/ões (4,3%); Inovação/ões (8,7%); Modificação/ões (4,3%); Mudança/as (43,5%); Mudança estrutural (4,3%); Mutação/ões (4,3%); Paradigma/as (4,3%); Reconfiguração/ões (8,7%); Tendência/as (4,3%); Transfiguração/ões (4,3%); Transformação/ões (34,8%).

Além disso, 21,7% dos textos apresentaram tais palavras no título e 4,3% nas Palavras-chave do próprio artigo. Iniciemos visualizando o Gráfico 2, a seguir, que demonstra a oscilação das publicações relacionadas ao longo dos 11 anos analisados. As palavras-chave de busca, quando encontradas nos artigos, estiveram em 100% dos resumos – lembrando que, na presente versão do relatório, examinamos a localização das palavras-chave de busca no Título, Palavras-Chave e Resumo de cada artigo do corpus.

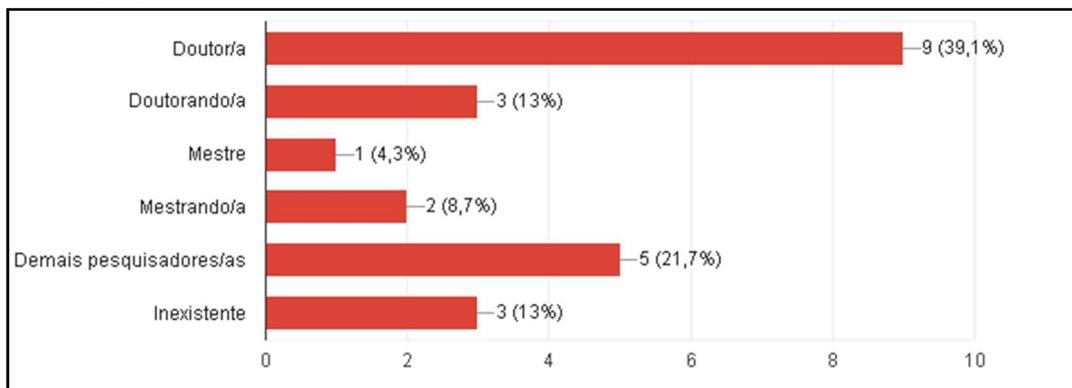
**Gráfico 2. Quantidade de publicações no período, por ano. Anais da Compós, 2008-2018, GT Estudos de Jornalismo.**



Fonte:Elaboração dos autores.

As tendências de publicação demonstraram picos de publicações nos anos de 2009, 2010 e 2011, com estagnação nos períodos seguintes, entre 2012 e 2017, voltando a crescer em 2018. Em todos os artigos o primeiro autor é predominantemente doutor. Outras autorias principais aparecem com os percentuais demonstrados abaixo, Gráficos 3 e 4:

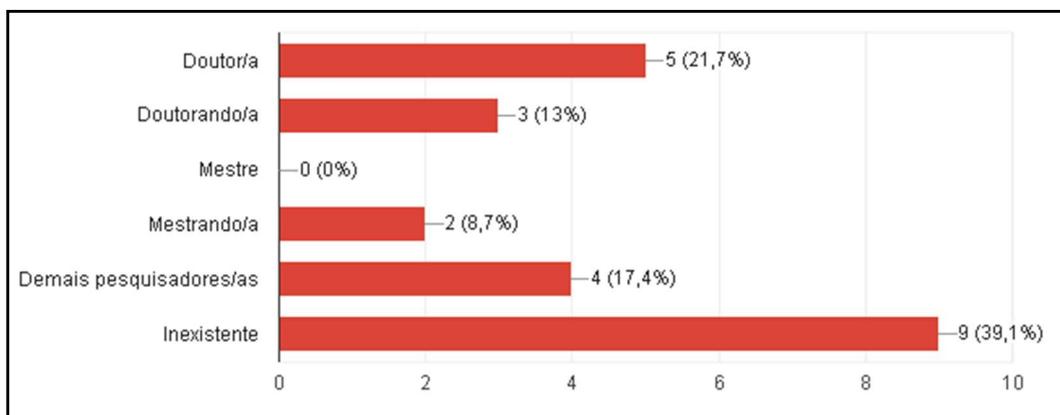
**Gráfico 3. Titulação da primeira autoria. Anais da Compós, 2008-2018, GT Estudos de Jornalismo**



Fonte:Elaboração dos autores.

Na segunda autoria, o dado se mantém com doutores liderando. Os doutorandos são titulares em 13% dos artigos apresentados na Compós no corpus da presente pesquisa, vide Gráfico 4, a seguir.

**Gráfico 4. Titulação da segunda autoria. Anais da Compós, 2008-2018, GT Estudos de Jornalismo**



Fonte: Elaboração dos autores.

Muitos autores, no corpus analisado, não possuem sua titulação identificada no artigo. Os pesquisadores que assinaram como autor principal dos textos integravam, à época de suas publicações, 18 instituições diferentes, sendo que as mais relacionadas foram Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Federal de Santa Catarina com três citações cada, seguidas de Universidade Federal da Bahia, Universidade de São Paulo e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

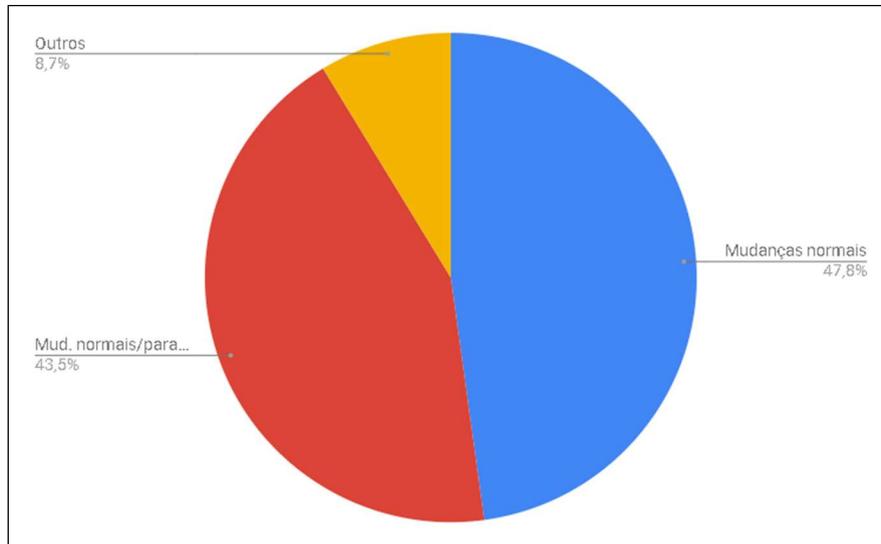
Os co-autores da segunda posição são oriundos de 9 dessas mesmas instituições. As instituições mais citadas nesse caso foram UFBA e UFSC em três casos cada; e UFRJ, UFMG e UFPE em dois casos cada. Um trabalho teve terceiro e quarto autores, ambos da UFSC, que teve, portanto, mais duas citações.

Após a categorização dos trabalhos identificados, vide Gráfico 1, percebemos que a maior parte dos 23 artigos, tinham a presença (no título, resumo e/ou palavras-chave) das expressões Mudança/s (43,50%), Transformação/ções (34,8%) e Paradigma (13%).

Como etapa final desta primeira parte da pesquisa (trabalhos publicados no GT de Jornalismo no período de 11 anos da Compós, 2008-2018), fizemos uma classificação dos 23 artigos com base nos seguintes critérios:

- 1) Grupo 1 - artigos que faziam alusão principal, no resumo, ao que poderia ser classificado, no sentido proposto por Charron e De Bonville (2016), como Mudanças Normais (na estrutura).
- 2) Grupo 2 - artigos que faziam alusão principal, no resumo, tanto ao que poderia ser classificado no sentido proposto por Charron e De Bonville (2016) como Mudanças Normais (na estrutura ou no sistema), quanto a Mudanças Paradigmáticas (de estrutura ou de sistema).
- 3) Grupo 3 - artigos que faziam alusão principal, no resumo, ao que poderia ser classificado, no sentido proposto por Charon e De Bonville (2016) como Mudanças Paradigmáticas (de estrutura ou de sistema), mas sem fazer alusão simultânea às Mudanças Normais (na estrutura ou no sistema).

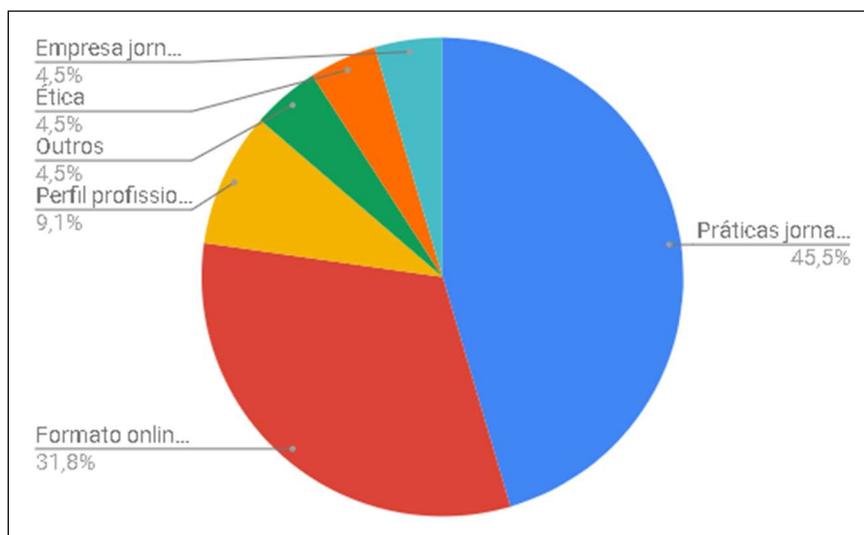
**Gráfico 5. Classificação dos artigos quanto aos três tipos de mudança: comparativo entre os Grupos 1, 2 e 3. Anais da Compós, 2008-2018, GT Estudos de Jornalismo.**



Fonte: elaboração dos autores.

Como demonstra o Gráfico 5, as Mudanças Normais foram sobressalentes, com 47,8% dos textos analisados no corpus. Já as Mudanças Normais/Paradigmáticas representaram 43,5 % dos textos. Dois textos não se enquadraram nas classificações propostas e constam como Outros. Nos gráficos a seguir, Gráfico 6 e Gráfico 7, destrinchamos os resumos a partir das categorias de Charron e De Bonville (2016) e os classificamos de acordo com a abordagem temática adotada.

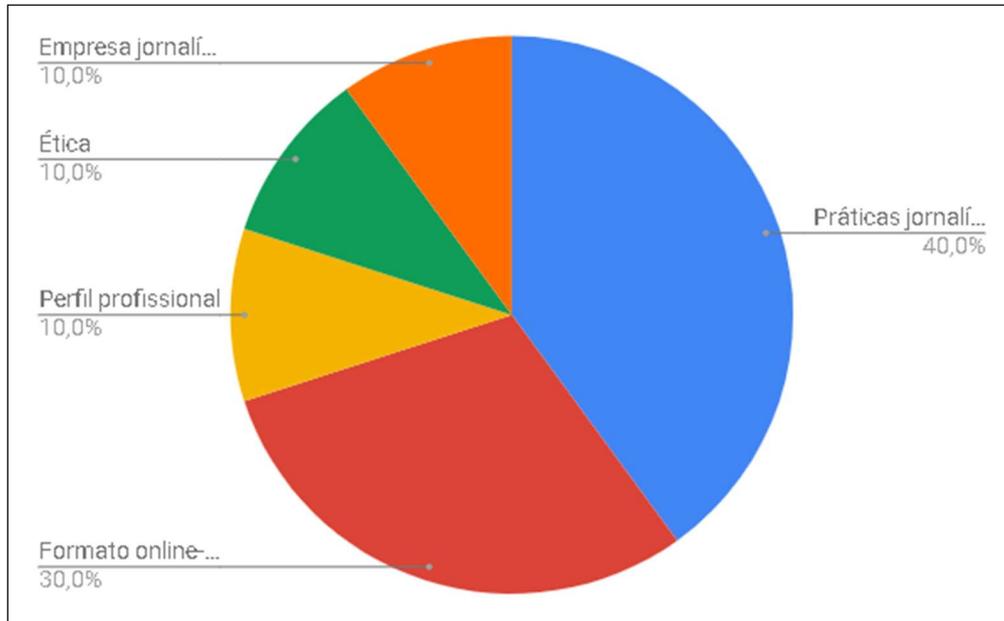
**Gráfico 6. Classificação da totalidade dos artigos (23), correspondentes ao Grupo 2 (Mudanças Normais/Paradigmáticas), quanto à abordagem temática. Anais da Compós, 2008-2018, GT Estudos de Jornalismo.**



Fonte: elaboração dos autores.

Os artigos que enquadrados no Grupo 2, como Mudanças Normais (ou seja, na estrutura ou no sistema) e Paradigmáticas (ou seja, da estrutura ou do sistema), Gráfico 6, abordam essencialmente duas temáticas: as Mudanças Normais/Práticas Jornalísticas em primeiro lugar, com 45,5% dos textos, e, em segundo lugar, os artigos classificados como Mudanças Normais/Formato online-digital, com 31,8% das abordagens. Aparecem ainda artigos classificados como Mudanças Normais/Perfil Profissional dos jornalistas, em 9,1% ; associados a Mudanças Normais/Ética em 4,5%; e associados a empresa jornalística 4,5% (01 artigo). Dentre os textos analisados, um deles não se enquadrou nas classificações propostas e consta na categoria Outros (4,5%).

**Gráfico 7. Classificação dos artigos relacionados a mudanças normais e que são associados simultaneamente a mudanças paradigmáticas - Recorte do Grupo 2. Anais da Compós, 2008-2018, GT de Jornalismo.**



Fonte: elaboração dos autores.

No recorte exposto no Gráfico 7, acima, tivemos dez artigos com abordagens relacionadas a Mudanças Normais e a Mudanças Paradigmáticas. Nesses textos manteve-se a tendência verificada no todo (23 textos analisados), com as Práticas Jornalísticas sendo estudadas em 40%, seguidas dos Formatos online-digital em 30%. Registrou-se ainda abordagens sobre o Perfil Profissional, a Empresa jornalística e a Ética, com 10% cada, vide Gráfico 7.

## 7. À guisa de conclusão

Uma das hipóteses de Charron e De Bonville (2016) sobre as transformações do jornalismo diz respeito às mudanças sofridas na relação das empresas, à concorrência e ao mercado<sup>4</sup>. Para tal perspectiva econômica, de forma e de conteúdo, os autores observam a mudança de um cenário em que os jornais se alimentam dos próprios leitores associados ao conteúdo oferecido (jornalismo de opinião), para um tipo de

<sup>4</sup> Mercado é entendido por Charron e De Bonville (2016, p. 342) como um conjunto de agentes que, em um espaço dado, competem uns com os outros, para oferecer a outros agentes em situação de demanda bens e serviços em troca de uma remuneração qualquer.

modelo de negócio em que os anunciantes tornam-se fonte principal de receita para um conteúdo destinado ao maior público possível (imprensa de informação, até chegar ao ambiente de hiperconcorrência. A hipótese traçada por Charron e De Bonville (2016) de que as empresas jornalísticas se modificam e se qualificam no movimento para integrar-se o melhor possível ao mercado e sobreviver a ele. Na atualidade, o ambiente de hiperconcorrência, ou seja, a multiplicação de agentes que concorrem entre si para atender uma demanda que não cresce proporcionalmente.

Cada empresa busca se diferenciar das outras, oferecendo aos consumidores vantagens que correspondam ao que julga serem as preferências do público visado, sobretudo em relação aos critérios de acessibilidade, pertinência e custo, e que sejam ao mesmo tempo específicas e exclusivas. (CHARRON e De BONVILLE, 2016, p. 350)

Foi importante termos destacado a relevância atribuída por Charron e De Bonville à questão da ‘empresa jornalística’ no desenho que os mesmos fazem do Paradigma da Transformação, dado que este tópico - empresa jornalística - foi encontrado como assunto associado em apenas 01 dos 23 textos selecionados<sup>5</sup>, no recorte de 11 anos do GT Estudos de Jornalismo da Compós (2008-2018).

Como exposto acima, nos Gráficos 6 e 7, o tema das Mudanças Normais (ou seja, mudanças **de** estrutura ou **de** sistema, como conceituado por Charron e De Bonville (2016) e Mudanças Paradigmáticas - ou seja, mudanças **de** estrutura ou **de** sistema, como também conceituado por Charron e De Bonville (2016), aparecem associados majoritariamente às *Práticas Jornalísticas*, em primeiro lugar, e às alterações de *formato no jornalismo online-digital*. Logo, um ponto importante na conformação do Paradigma da Transformação - as transformações na empresa jornalística - não surge como tema de destaque, por não estarem presentes no título, palavras-chave ou resumo dos trabalhos. Uma compreensão mais aprofundada deste recorte dos 11 anos de produção GT de Jornalismo da Compós, 2008-2018, será apresentada em duas dimensões futuras da nossa pesquisa: 1) quando ampliarmos a checagem para o corpo dos 23 artigos e 2)

---

<sup>5</sup> Como relatado na Sessão 5 do presente artigo, nossa equipe de pesquisa examinou todos os artigos publicados no GT Estudos de Jornalismo, Anais da Compós, período de 2008 a 2018. A seleção dos artigos foi feita a partir da presença das seguintes palavras no título, resumo ou palavras-chave no GT e período citado: Alteração/ções, Mudança/as; Paradigma/as; Transfiguração/ções, Inovação/ções, Mudança Estrutural [sentido literal], Reconfiguração/ções, Transformação/ções, Modificação/ções, Mutações/ções, Tendências.

quando pudermos comparar tal produção com a produção dos Anais, em período similar, 2008-2018, com outros eventos científicos. O primeiro destes eventos, proximamente, serão as publicações dos Anais da SBPJor.

Este processo de pesquisa, idealizado e conduzido pelo Grupo Natureza e Transformação do Jornalismo, Programa de Pós-Graduação em Comunicação/FAC/UnB, é uma atividade de fluxo contínuo, com o propósito de propiciar uma sólida revisão sistemática sobre a discussão dos estudos sobre as mudanças no jornalismo, tendo como cenário o documentado (Anais de evento) desta que é a fase de documentação e revisão entre pares, própria dos eventos científicos. Destacamos, por fim, que nosso estudo visa somar para a compreensão sobre os múltiplos recortes presentes nos eventos científicos brasileiros - dentro de um recorte temporal e subdividido por eventos - constrói um pensamento sobre os processos de mudança (Mudanças Normais, na estrutura ou no sistema e/ou Mudanças Paradigmáticas, mudanças da estrutura ou do sistema), conceitos estes que trouxemos da obra de Charron e De Bonville (2016), contudo sem apegar-nos, na atual fase de relato, se os artigos fazem referência direta ou indireta ao conceito dos autores, mas se, por outro lado, mapeiam, ou não, Mudanças Normais e/ou Mudanças Paradigmáticas. Este foi o nosso primeiro relato e o grupo seguirá na construção e condução da pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ADGHIRNI, Zélia L. **O jornalista: do mito ao mercado**. Florianópolis: Insular; Brasília: FAC Livros, 2017.

BOTELHO, Louise L.R.; CUNHA, Cristiano C. A.; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Revista Gestão e Sociedade**, Belo Horizonte: vol. 5, nº11, maio/agosto 2011, p. 121-136.

BRIN, COLETTE, CHARRON, Jean, De BONVILLE, Jean. **Nature et transformation du journalisme: Théorie et recherches empiriques**. Québec: Le Presses de L'Université Laval,

CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean de. **Natureza e Transformação do Jornalismo**. Brasília: FAC Livros; Florianópolis: Insular, 2016.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

MOTTA, Luiz G. Pesquisa em jornalismo no Brasil: o confronto entre os paradigmas midiacêntrico e sociocêntrico. **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación** www.eptic. Vol. VII, n. 1, Ene. – Abr. 2005.

SANTOS, Boaventura S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**, vol.2, São Paulo, maio/agosto de 1988. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s010340141988000200007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s010340141988000200007&script=sci_arttext). Acessado em junho de 2018.

SOUZA, Marcela T.; SILVA, Michelly D.; CARVALHO, Rachel. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**. ; v. 8, n.1, p. 102-106, 2010.

### **SOBRE OS AUTORES:**

**Dione Oliveira Moura:** Doutora em Ciências da Informação pela Universidade de Brasília. Professora Associada da graduação e Pós-Graduação da Universidade de Brasília (UnB) e Pesquisadora Associada Sênior do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UnB (2018-2020). E-mail: [dioneoliveiramoura@gmail.com](mailto:dioneoliveiramoura@gmail.com).

**Djenane Arraes:** Mestre e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: [djenanearraes@gmail.com](mailto:djenanearraes@gmail.com).

**Ébida Santos:** Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: [ebidasantos@gmail.com](mailto:ebidasantos@gmail.com).

**Francisco Verri:** Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: [chicoverri@gmail.com](mailto:chicoverri@gmail.com).

**Patrícia Lima:** Doutoranda em jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: [patricialimajornalista@gmail.com](mailto:patricialimajornalista@gmail.com).